



**Princípio. Publicação de Cultura e Política** – Teve uma existência breve (quatro números) à semelhança de muitas outras publicações intervenientes no panorama atribulado que marcou o período pós-golpe militar de 28 de Maio de 1926. A jovem República, por ora entregue à vigilância militar, mas há já alguns anos sob influência de diversas e divergentes forças de opinião e grupos de interesses, hesita quanto ao rumo a seguir. A imprensa é porto de chegada e de partida, espaço de reunião de indivíduos que partilham um projecto e uma vontade de afirmação, de intervenção na esfera pública. A título meramente indicativo, refira-se que entre 1926 e 1930, terão sido lançados cerca de 15 novos títulos de natureza literária (mas não só), a maioria das quais não chega a concluir um ano de edição. A época ferve de ideias, denúncias, proposta e protestos. Enfim, anseios e paixões urgentes de quem questiona o presente e quer moldar o amanhã.

O primeiro número do jornal *Princípio* é lançado no **Porto**, a **5 de Maio de 1930**, sob a  **direcção de Álvaro Ribeiro, Adolfo Casais Monteiro e Maia Pinto**. No «sumário», na primeira página, anunciam-se textos de **Agostinho da Silva, José Carlos Marinho e Delfim Santos**, além de Casais Monteiro. Há também indicação de que se estamos perante uma «edição da Renascença Portuguesa»<sup>1</sup>, o que nos remete para o influente e eclético movimento cultural criado na cidade invicta, no início da República (1911) por acção de um núcleo de intelectuais congregado em torno da revista *A Águia*<sup>2</sup>.

Em face da tendência radical que então predominava, aqueles homens terão considerado necessário manter uma atitude vigilante e crítica, e também construtiva: elevar a cultura do povo português, por recurso a diversas estratégias e diferentes canais – o livro, a revista, a conferência, a exposição, a Universidade Popular –, como condição para o despertar da essência originária da “alma lusitana”, como ficou estabelecido nas reuniões que instituíram o movimento. Mas, sob esse ideal comum do nacionalismo literário, convergiam “ismos” de diferente tendência e natureza (o saudosismo que dominava, o

---

<sup>1</sup> Como consta na ficha técnica (segunda página), o título é propriedade da «Renascença Portuguesa» e Carlos Bastos é seu «Editor e Administrador-delegado».

<sup>2</sup> «A Águia. Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica» foi lançada no dia 1 de Dezembro de 1910, sob a direcção de Álvaro Pinto. Órgão do movimento saudosista, tornar-se-á a partir da sua segunda série, 1912, órgão da «Renascença Portuguesa». Foi então dirigida sucessivamente por Teixeira de Pascoaes, António Carneiro, Leonardo Coimbra, Teixeira Rego, Hernâni Cidade, Adolfo Casais Monteiro, Sant'Ana Dionísio, Aarão de Lacerda e Delfim Santos. Publicou-se durante 20 anos, perfazendo 5 séries. O último número está reportado a Maio/Junho de 1932.

realismo, o impressionismo, o futurismo, o modernismo, etc.), do que resultava uma não menos diferenciada vontade de intervir directamente na esfera política. Em síntese, a questão que dividiu estes homens tinha por base o entendimento sobre a relação entre o progresso espiritual e o progresso económico: qual é que determinava? E as tensões e desacordos logo se manifestaram, originando dissidências que estão na génese de novas publicações nomeadamente: *Orpheu* (Lisboa, Jan/Jun/1915), *Pela Grei* (Lisboa, 1918) e *Seara Nova* (Lisboa, 1921-1979).

Álvaro Pinto, director da 1.<sup>a</sup> série d' *A Águia* e fundador e administrador da «Renascença Portuguesa» - que entendia como «uma tentativa, organizada e disciplinada, para se mostrar à mocidade e aos futuros dirigentes da Nação quais eram as fontes vivas onde tinham de beber o ímpeto renovador» -, recorda assim esses tempos de desencontro: «Quando convinha à perfídia das portas de café dizer que a «Renascença» era avançada, lançavam-lhe todos os remoques nesse sentido; quando convinha o contrário, era a «Renascença» acusada de passadista e reaccionária. Se queriam que a «Renascença» fosse uma coisa inócua e vazia de sentido, pregavam que ela era o joguete dum *saudosismo* deprimente. Se tudo lhe queriam negar, afirmavam que nela não surgiu ideia alguma, nem boa nem má.»<sup>3</sup>

Evocou-se aqueles episódios da história da «Renascença» porque, de alguma forma, poderão lançar alguma luz sobre a criação do jornal *Princípio*. Aparentemente, o seu lançamento não é sustentado por qualquer sentimento de oposição ou confronto com aquele que era o órgão de comunicação originário da «Renascença Portuguesa», a referida revista *A Águia*: a sua leitura é, aliás, aconselhada em todos os números. Mas não será irrelevante o facto de *A Águia* não ter publicado nenhum número no ano de 1930<sup>4</sup>. Fica, portanto, em aberto a possibilidade de o jornal *Princípio* ter sido lançado com o propósito de ocupar o “espaço” da revista *A Águia*, embora os programas editoriais não sejam totalmente coincidentes. Note-se que as duas publicações estão, além do mais, sedeadas na mesma cidade, o Porto.

De facto, enquanto *A Águia* se manteve sempre fiel à sua vocação predominantemente cultural, sobretudo literária, e impregnada pelas correntes mais espiritualistas, dos discípulos de Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra. O *Princípio* assume, abertamente, objectivos de intervenção não só na esfera cultural como no domínio da política, por via da **crítica sistemática**, conforme esclarecem na nota de abertura. Assim, e no que toca à política, propõem-se «mostrar o que há de falso e insubsistente na maneira como em Portugal é feita», e afirmam-se **defensores da democracia**, «o único método político

---

<sup>3</sup> PINTO, Álvaro – Para a História da «Águia» e da «Renascença Portuguesa». *Ocidente*, Vol. 1, 1938, N.º 2, pp. 273-282.

<sup>4</sup> A sua edição só será retomada em 1932, iniciando assim a 5.<sup>a</sup> série do título.

viável no mundo moderno, o único que se adapta à civilização ocidental e ao condicionalismo da evolução política, da situação moderna e actual do nosso país.» Mas renegam «uma orientação republicana estreita» - parecendo querer referir-se a todos os radicalismos à esquerda e à direita -, bem como o recurso à força ou à violência como modo de acção.

Alguma inspiração de índole materialista parece também subjacente a esta afirmação: «A emancipação económica não é para nós um fim, mas um processo de obter a libertação pela cultura, como esta não é em si um fim, mas um processo de obter a libertação pelo espírito.» *Princípio* faz também questão de sublinhar a sua vocação **universalista** (por oposição à nacionalista), **construtiva** e **compreensiva**, que se compromete a pautar por valores de **verdade** e de **justiça**.

Por último, são endereçadas saudações à *Seara Nova*, com a qual o *Princípio* partilha «estreitas afinidade» no que toca à reforma cultural e política, e à *Presença*, «grupo que se propõe, em literatura, realizar aquilo que nos propomos realizar em cultura e política.» A cortesia terá resposta, pelo menos, da *Seara Nova*: na sua edição de 31 de Julho, informa os leitores do aparecimento de «uma revista de novos» que – pela «afinidade de intuítos», «estreito espírito de camaradagem e solidariedade de ideias que nos enfileira na mesma linha de combate pela solução de certos problemas de importância capital na nossa sociedade» – saúdam com boas-vindas<sup>5</sup>. Ironicamente, por esta altura já estava publicado aquele que seria o derradeiro número do *Princípio*.

O *Princípio* é ostensivamente crítico não só da ditadura militar, como do caminho prosseguido pela República e que a esse espartilho a conduziu. Os ensaios assinados por Álvaro Ribeiro - «Política», «oposição» e «liberalismo» – assim o testemunham. Sobre **o papel das elites para o “ressurgimento” da Nação** e os valores que o devem sustentar, destacam-se os ensaios de Adolfo Casais Monteiro, «o intelectual e a vida»; de José Carlos Marinho, «as duas tradições»; de Delfim Santos, «Keiserling»; e de **João Gaspar Simões**, «da cultura e da erudição». **A língua**, enquanto ferramenta de comunicação e, conseqüentemente, fundamental para o processo de renovação dos espíritos, é abordada por Agostinho da Silva, em «paladinos da linguagem», e por **José Régio**, em «do ensino do português». No ensaio «a deformação dos espíritos», Casais Monteiro insurge-se contra o estado da educação no país e faz a defesa de uma reforma do ensino, por via da «formação de uma elite de professores».

**A vida cultural**, no que toca à oferta, também merece a atenção do *Princípio*. A **crónica cinematográfica** é assegurada, nos quatro números, por Casais Monteiro, coadjuvado, pontualmente, por **Rodrigues de Freitas**. São também

---

<sup>5</sup> Cf. *Seara Nova*, Ano IX, nº 215 (31/Julho/1930), p. 366

da sua lavra um comentário sobre «o I Salão dos Independentes» e à exposição de Tagarro, além de uma recensão crítica ao livro de Aquilino Ribeiro, *O Homem que Matou o Diabo*. Neste domínio, referência também ao comentário que Maia Pinto faz ao livro *Novos Horizontes*, de Manuel Ribeiro, que se debruça sobre a posição da Igreja Católica face à Democracia. José Marinho tece considerações pouco elogiosas a propósito da homenagem ao poeta nacionalista Correia de Oliveira, realizada em Coimbra.

No segundo número, o *Princípio* **lança um inquérito** sobre cinco «problemas» - cultura, educação, actividade artística, actividade política e actividade religiosa - com o propósito de despertar na consciência de cada leitor aquela humana inquietação criadora de severos e fecundos ideais. Seria sua intenção publicar as respostas obtidas, mas tal não se chegou a concretizar.

**Graficamente**, importa assinalar que o cabeçalho - que parece ilustrar a ideia do esforço individual necessário ao ressurgimento, ao alavancar de um novo espírito - é da autoria de **Ventura Porfírio**. Algumas vinhetas que, pontualmente, animam as páginas, são também da sua criação e de **Adalberto Sampaio**.

*Princípio* apresenta 12 páginas, as duas últimas, invariavelmente, ocupadas com publicidade. Não há qualquer informação sobre a tiragem, mas é referida a sua distribuição gratuita aos sócios da «Renascença Portuguesa». Também se vende avulso (1 escudo) e por assinatura, séries de 5 e 10 números. Não obstante o prestígio dos seus redactores e colaboradores, não terá conseguido conquistar o público, o que condicionou a sua existência. A este propósito, chama-se a atenção para os insistentes apelos da Administração que assume, abertamente, que a «publicação carece, para se manter, de um determinado número-mínimo de assinantes.»

Rita Correia

(11/12/2008)

## Bibliografia

*Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., s.d.

ROCHA, Clara - **Revistas Literárias do Século XX em Portugal**, Vila da Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

VENTURA, António - **O Imaginário Seareiro. Ilustradores e Ilustrações da Revista Seara Nova (1921-1927)**, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.